

Sem recursos e sucateado, SLU luta para manter a cidade limpa

Arquivo

MARCONE GONÇALVES



Apesar de ter adquirido 45 caminhões, SLU ainda tem poucos veículos para atender à coleta de lixo



O SLU, autarquia responsável pela limpeza da cidade, enfrenta problemas financeiros. O elevado orçamento de R\$ 57 milhões não está sendo suficiente para manter operando adequadamente um dos órgãos mais caros e ineficientes do GDF. Enquanto se esforça para tirar 1,4 mil toneladas de lixo da rua, diariamente, a nova diretoria tem que varrer a inoperância, o superfaturamento e ainda investigar casos de corrupção.

O diretor-geral do órgão, Luciano Sales, não esconde as dificuldades que enfrenta e acredita que em dois anos vai calar críticos como o líder da oposição na Câmara Legislativa, Luiz Estevão, e aliados como o deputado federal Chico Vigilante. "Encontramos o SLU sucateado. A impressão que temos é que nos últimos seis anos houve uma política deliberada para acabar com o serviço", disse, acrescentando que há 10 anos o DF tinha o melhor serviço de limpeza urbana do País e, agora, os poucos técnicos do órgão ficam envergonhados em encontros com colegas do setor.

Assim que assumiu, a atual diretoria tratou de fazer um diagnóstico do serviço em um grande seminário com os funcionários e pessoas ligadas ao setor. O resultado do encontro dá bem a dimensão do que é o SLU hoje, pois foram levantadas nada menos que 38 deficiências nos trabalhos do órgão. Para se ter uma idéia do descalabro administrativo e financeiro, basta lembrar que na autarquia não existe um único computador em fun-

cionamento e os 3.801 funcionários, poucos para atender uma população de quase dois milhões de habitantes, não têm treinamento nem qualquer política de assistência à saúde. Eles trabalham em meio ao improvisado, pois os 11 cargos técnicos no SLU não dão conta de estabelecer uma programação técnica para o serviço de limpeza. Além disso, a autarquia não dispõe de um mecanismo de informação que garanta a transparência administrativa e financeira do SLU. Ao contrário da Caesb, o SLU não forneceu à reportagem do **Jornal de Brasília** um balanço geral referente aos últimos seis meses.

Para Luciano Sales, o principal problema do órgão é a sua estrutura, que não acompanhou o crescimento

populacional do DF. "Houve uma expansão das cidades, criação de outras, surgiram condomínios e assentamentos, mas o SLU continuou do mesmo tamanho", disse, acrescentando ainda que nunca houve nenhuma política de apoio ou reestruturação da autarquia. No governo anterior, o órgão fez convênio com a Novacap para contratar garis e outros trabalhadores para a área operacional, o que diminuiu um pouco a carência, mas trouxe o problema da manutenção do convênio. Ao contrário da Caesb, que a partir deste mês deixará de pagar 70 conveniados que serão demitidos, o SLU não poderá fazer o mesmo sob pena de prejudicar ainda mais os serviços de varrição e coleta de lixo. "Essa questão depende de

uma política do GDF", afirmou Luciano Sales.

Aumento — A administração petista começou a dar os primeiros passos para melhorar o SLU. Este ano, no entanto, a crise no setor vai ter que ser amenizada com uma dotação orçamentária suplementar. O GDF vai ter que desviar o dinheiro do contribuinte de outros setores para cobrir o rombo no serviço de limpeza urbana. Embora a população pague uma taxa destinada a bancar a limpeza urbana, o dinheiro arrecadado não chega a cobrir 10% das despesas do SLU. "É uma das menores taxas do País e ela vai ter que sofrer um reajuste", afirmou Luciano Sales, acrescentando que não tem nenhuma previsão de quando isto possa ocorrer.

Autarquia pretende terceirizar os serviços

Na batalha contra a sujeira, o SLU apela para a criatividade e vai investir numa forma inusitada de terceirização. Não se trata do convênio com os carroceiros de Sambaíba ou Santa Maria, já bastante conhecidos. O que a diretoria geral propõe é que as prefeituras de quadras do Plano Piloto e das cidades-satélites, passem a fazer a limpeza contratando pessoal e fiscalizando. O dinheiro para pagar os trabalhadores será repassado a estas entidades.

A nova terceirização que o SLU vai implementar é chamada pelo diretor Luciano Sales de "parceria popular" e pretende reformar todo o sistema de coleta de lixo e limpeza da cidade. "É a terceirização com novas bases. Temos certeza de que a cidade vai ficar muito mais limpa com a vigilância direta dos próprios moradores", afirmou

o diretor-geral. Ele informou que a proposta foi encaminhada para a Procuradoria Jurídica do GDF, que vai analisar a legalidade dos novos convênios. Com isso, o SLU deixa de fazer convênio com a Novacap, que é responsável pela contratação de serviços de terceiros para o órgão. Para Sales, a experiência dos carroceiros mostra que a "parceria popular" sai muito mais em conta para o contribuinte além de gerar emprego para centenas de pessoas marginalizadas no mercado de trabalho.

A autarquia já começa a investir em equipamentos, programas e na reformulação de todo o sistema de coleta de lixo do DF. O primeiro passo adotado pela nova diretoria foi requisitar para o órgão técnicos da Secretaria do Meio Ambiente, adotar um controle sobre os gastos e, principalmente, obter recursos

para levar adiante a compra de material e a expansão da coleta seletiva.

As usinas de tratamento de lixo que estavam paradas foram reformadas num sistema de "canibalização", ou seja, retirando as peças de uma e colocando nas outras. Este processo permitiu o tratamento do lixo na Usina da Asa Sul, de onde foram retirados 12 mil metros cúbicos de lixo, responsável pelo forte mau cheiro que já chegava nas Quadras 400.

Ações — O governo liberou uma verba suplementar de R\$ 5,2 milhões para que o SLU comprasse 45 caminhões e aplicasse outros R\$ 1,2 milhão na implementação da coleta seletiva em mais três cidades-satélites. "Existe um empenho do governador. A compra de caminhões não vai substituir os serviços de terceiros, é para repor a

nossa frota que está quase toda sucateada", afirmou Luciano Sales.

O objetivo, até o final do governo Cristovam, é implementar um serviço de coleta de primeiro mundo em Brasília, completamente diferente do que é feito em Curitiba. "Lá é puro marketing, pois nem 10% do lixo chega a ser reciclado. O que nós queremos é que os próprios moradores separem o lixo orgânico do plástico e papéis em sua própria residência", afirmou Sales.

O diretor quer resolver também um dos maiores problemas de limpeza do Plano Piloto, que é a utilização inadequada dos contêineres nas quadras comerciais. "Vamos fazer campanhas para conscientizar os moradores e intensificar a fiscalização, que praticamente já não existe mais", afirmou. (M.G.)

NÚMEROS DA EMPRESA

Orçamento para 1995 - R\$ 57 milhões
Área de Custeio - absorve 12,8 milhões
Déficit - 17 milhões, já requisitada suplementação de verbas
Liberados - R\$ 5,2 milhões de recursos extras (R\$ 1,2 para a coleta seletiva e R\$ 4 milhões para compra de caminhões e equipamentos)
Dívidas - R\$ 2,8 milhões às empresas prestadoras de serviços e R\$ 100 mil de dívidas trabalhistas
Receitas - Taxa de Limpeza Urbana - Previsão de arrecadação em 1995 é de 5,5 milhões, cobrindo menos de 10% das despesas. A autarquia espera arrecadar outros R\$ 446 mil com a venda de materiais recicláveis
Carências - A autarquia não dispõe de um plano de cargos e salários ou carreira, não tem regimento interno, não tem orientação nem corpo técnico, nem oferece treinamento para servidores. As condições de trabalho são inadequadas e mais de 60% dos garis apresentam doenças ligadas à sua atividade
Funcionário do SLU - 3.801 (Apenas 11 cargos de nível superior, 836 de nível médio e 2.954 auxiliares)
Convênio com a Novacap - 696 servidores
Servidores na área operacional - 3.782 fazem varrição, coleta e trabalham nas usinas e aterros (incluindo os convênios da Novacap)
Déficit - são necessários mais de dois mil garis para manter a cidade limpa
Folha de Pagamento (gasto mensal) - R\$ 3,2 milhões
Salário médio da Folha - R\$ 842 - O menor salário do gari é de R\$ 315,00 (fora os R\$ 107,80 de tiquete-alimentação)
Frota - 348 veículos, a maior parte sucateada. Dos 85 caminhões coletores, apenas 42 são utilizados diariamente. A idade média da frota é de 13 anos, quando não poderia passar dos seis
Terceirização - 50% da coleta de lixo é feito por empresas particulares
Cidades mais problemáticas - Ceilândia, Taguatinga e Núcleo Bandeirante. O SLU alega que faz a coleta em 100% das moradias, mas os moradores costumam colocar o lixo depois que os garis passam
Condomínios - Ao contrário da Caesb, o SLU já atende diversos condomínios irregulares
Usinas - 2 de compostagem e reciclagem de lixo (Asa Sul e Setor P Sul de Ceilândia) e 1 de incineração (no Setor P)
Carroceiros - 245 trabalham na coleta, ao custo de R\$ 150,00 cada (R\$ 36,7 mil no total)

Nova diretoria refaz licitação

As licitações realizadas pelo SLU demonstram que há algo de errado nas concorrências de preços para os órgãos públicos. Este erro atende pelos nomes de superfaturamento e cartelização, segundo o diretor-geral da autarquia, Luciano Sales. No início do ano, quando quis contratar serviços de vigilância e comprar pneus, câmaras de ar e protetores, a diretoria pôde constatar que a competição do livre mercado não chega a beneficiar o Estado.

"A licitação para os serviços de vigilância iniciou na diretoria anterior e já estava em minha mesa para ser homologada. Quando vi que a gente ia passar a pagar pelo mesmo serviço R\$ 322 mil por mês, ao invés de R\$ 118, simplesmente desisti e não homologuei nada", afirmou Sales. Segundo ele, um novo edital foi publicado e en-

viado para as Federações Comerciais em todo o País, mas nenhuma federação de fora mandou propostas.

A mesma coisa aconteceu com os pneus. Só que como era uma necessidade urgente, o jeito foi pedir que as cinco empresas "concorrentes" (Pneuminas, Pneulândia, Curinga dos Pneus, Pneus J. Macedo e Recapagem Royal) fizessem uma segunda proposta. O resultado foi surpreendente. Uma câmara de ar para pá mecânica que custaria R\$ 289,50 baixou para R\$ 172,00. Um pneu novo 1000X20 passou de R\$ 518 para R\$ 330,00. Como diminuiu muito mais os seus preços, a Pneuminas ficou com a maior parte das vendas. Diversos itens foram simplesmente impugnados porque as empresas se recusaram a baixar os preços. (M.G.)